

O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro

Frei Basílio Röwer, OFM

O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro



Sua história, memórias, tradições



ZAHAR

Rio de Janeiro

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Prefeito
CESAR MAIA

COMISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DO
BICENTENÁRIO DA CHEGADA DE D. JOÃO VI
AO RIO DE JANEIRO

Coordenador geral
ALBERTO DA COSTA E SILVA

Secretário Extraordinário do Patrimônio Cultural
ANDRÉ ZABELLI

Secretário Municipal das Culturas
RICARDO MACIEIRA

Secretária Especial de Comunicação Social
ÁGATA MESSINA PIO BORGES DE CASTRO

Secretária Municipal de Educação
SÔNIA MOGRABI

Subsecretário Especial de Turismo
PAULO BASTOS CEZAR

SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA
DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Coordenadora de Projetos Especiais
CRISTINA LODI



Copyright © 2008, Província Franciscana
da Imaculada Conceição do Brasil

Copyright desta edição © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta
publicação, no todo ou em parte, constitui
violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Victor Burton
Imagem da capa: © Frei Róger Brunorio, OFM
Projeto gráfico: Carolina Falcão

Esta obra teve duas edições em 1937
e uma terceira edição revista em 1945,
pela editora Vozes.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R785c Röwer, Basílio, 1877-1958
O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias, tradições /
Basílio Röwer. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

il.

Contém glossário
Inclui bibliografia
Conteúdo parcial: Biografia de Frei Basílio Röwer, OFM
ISBN 978-85-378-0115-4

1. Convento de Santo Antônio (Rio de Janeiro, RJ) – História. 2. Franciscanos –
Rio de Janeiro (RJ) – História. 3. Röwer, Basílio, 1877-1958. 4. Rio de Janeiro (RJ) –
História. I. Título.

“Em um dos montes que cercam a cidade, como havemos dito, a quem serve de peanha a real fonte desta singular povoação, está fundado o seráfico Convento Santo Antônio. Posto que não fosse o primeiro desta Província pela antiguidade de sua fundação, descrevemos em lugar primeiro pela grandeza de sua dignidade; pois sendo cabeça de toda ela deve preferir aos outros membros, aos quais leva por muitos títulos vantagens que sobram a dar-lhe esta precedência, ainda quando não lograra aquela prerrogativa.”



“No povo é grandíssima a devoção a este santo, obrigados dos muitos favores que por sua intercessão estão recebendo continuamente.”

FREI APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO (1692-1755)

Sumário



<i>Apresentação: Uma palavra para a quarta edição</i>	II
<i>Prefácio</i>	13
<i>À guisa de introdução</i>	17
CAPÍTULO I: 1592 A 1608	9
Fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ~ Os primeiros franciscanos no Rio de Janeiro ~ O primeiro sítio doado para a construção do convento ~ Escolha e doação de outro sítio ~ Os religiosos mudam de residência ~ Frei Vicente do Salvador ~ Uma ilha andante na lagoa de Santo Antônio	
CAPÍTULO II: 1608 A 1677	30
Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ Preparo do local ~ O poço “A Providência” ~ Lançamento da pedra fundamental ~ A “Porta do Carro” ~ Santidade de Frei Antônio da Madre de Deus ~ Milagre de São Benedito ~ Os religiosos entram no convento ~ A ladeira do convento ~ Fundação da Ordem Terceira da Penitência ~ Frei Cosme de São Damião ~ O primeiro frade franciscano “carioca” ~ Abertura de estudos no convento ~ A vida comum no convento ~ Uma graça ~ A construção da Capela nova dos Terceiros ~ A criação dos conventos do Sul em Custódia ~ A “bernarda” de 1660	
CAPÍTULO III: 1677 A 1700	48
Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ A criação da Província ~ Imagem de Santa Rosa de Viterbo ~ As festas por ocasião da criação da Província ~ Danças e bailados nas festas ~ O primeiro Provincial ~ Fundação do Recolhimento da Ajuda ~ O trabalho dos religiosos na cura das almas ~ O culto divino no convento ~ Os escravos do convento ~ Os Terceiros requerem mais terreno ~ As cisternas ~ Três religiosos de grande virtude	
CAPÍTULO IV: 1700 A 1725	70
Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ Os atritos com a Ordem Terceira ~ Santo Antônio recebe um rico bastão ~ Um guardião benemérito ~	

O presépio do convento ~ O cemitério dos escravos ~ As invasões francesas ~ Uma rua no meio da lagoa de Santo Antônio ~ Novas desinteligências com a Ordem Terceira ~ Desordens entre os religiosos ~ Um hóspede de alta hierarquia ~ Novas desordens entre os religiosos ~ Frei Fabiano de Christo

CAPÍTULO V: 1725 A 1750 86

Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ Graças concedidas ao convento ~ Mais atritos com a Ordem Terceira ~ Intimação da Câmara ~ Um incêndio no Mosteiro São Bento ~ O hospício da Terra Santa ~ Dom Frei Antônio de Guadalupe, Reformador Apostólico ~ Um ex-Provincial encarcerado ~ Providências do Visitador ~ A “Lei Escolástica” do Reformador ~ Frei Antônio do Extremo ~ O cárcere do convento ~ A cessão de um grande terreno à Penitência ~ Anel de água da Carioca para o convento ~ Descrição do antigo convento ~ Milagre de Santo Antônio

CAPÍTULO VI: 1750 A 1767 102

Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ Resolve-se a reconstrução do convento ~ O refeitório do convento ~ Santo Antônio recebe o soldo vencido ~ O rei manda consertar a ladeira ~ Sala do Capítulo e de estudos; cemitério ~ Capela de Santo Aleixo ~ Capelanias nas fortalezas e nos navios de guerra ~ A assistência aos leprosos ~ A assistência aos padecentes ~ Uma visita insólita ~ Os três primeiros vice-reis ~ Um belo atestado da pobreza franciscana dos religiosos

CAPÍTULO VII: 1767 A 1800 120

Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ A enfermaria do convento ~ A biblioteca do convento ~ O vice-rei dom Luís de Vasconcelos e Sousa ~ Frei José Mariano da Conceição Veloso ~ A universidade de estudos do convento ~ Um estudante brasileiro de rara inteligência ~ A caridade para com os pobres ~ O incêndio no Recolhimento do Parto ~ A cozinha do convento ~ Os franciscanos defendem a doutrina católica ~ Obras do Provincial Frei Brados ~ Um documento importante

CAPÍTULO VIII: 1800 A 1825 143

Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ A bilocação de Frei Galvão ~ A chegada da família real, festas, nomeações ~ Dom João VI e São Francisco de Assis ~ O marechal Forbes Skellater ~ A mudança da cor do hábito ~ Festa do Coração de Maria; promoção da imagem de Santo Antônio ~ As exéquias de dom Pedro Carlos ~ Morte do segundo marquês de Pombal ~ A primeira venda de terrenos ~ Real Convento Santo Antônio ~ Venda de mais terreno ~ Enterro e sepultura do Núncio Dom Lourenço Caleppi ~ Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho ~ As rótulas ~ Um frade Protonotário Apostólico ~ O Convento Santo Antônio e a Independência nacional

CAPÍTULO IX: 1825 A 1899 167

Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ A abolição da Lei da Alternativa ~ Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio ~ O Síndico Sebastião Fábregas Surigué ~ Proibição dos enterros nas igrejas e conventos ~ Morte do Bispo titular de Anemúria ~ Um pedaço de terreno cedido aos Terceiros ~ Venda do morro de Santo Antônio ~ Começam as requisições ~ Proibição do noviciado e profissões ~ Outras requisições ~ Um Visitador e Delegado Geral ~ Frei Francisco do Monte Alverne ~ Frei João do Amor Divino Costa ~ Mais uma venda de terreno ~ O convento transformado em “hospedaria”

CAPÍTULO X: AS CAUSAS DA DECADÊNCIA 194

A interferência do governo nas coisas internas ~ A Lei da Alternativa ~ Os títulos e isenções ~ Outras causas

CAPÍTULO XI: 1899 A 1945 209

Série dos superiores: suas obras executadas no convento ~ Últimos anos de Frei João ~ Reformas no convento ~ Seqüestro do convento ~ Incêndio na Imprensa Nacional ~ Trasladação dos túmulos imperiais ~ A fundação da Ordem Terceira no convento ~ Continua a reforma ~ Três séculos de existência do convento ~ Festas jubilares do Excelentíssimo sr. Cardeal ~ Incêndio no morro de Santo Antônio ~ O convento e a guerra européia ~ A gripe espanhola ~ Obras no convento ~ Visitas honrosas ~ O Dia do Fico ~ Continua a reforma ~ Os ossos de Frei Fabiano de Christo ~ Sagração episcopal ~ Reformas no interior do convento ~ Prosseguem as obras de reforma no interior do convento ~ O desaparecimento da ladeira ~ O sétimo centenário de morte de São Francisco de Assis ~ Reformam-se mais dois corredores, instala-se o quarto do porteiro ~ Duas visitas honrosas ~ O almoço dos pobres ~ Duas visitas ~ O órgão e outras obras ~ Dois centenários ~ A instalação do gabinete entomológico e outras reformas ~ Frei Rogério ~ O dia 7 de setembro ~ Um hóspede ilustre ~ O Dia do Soldado ~ O órgão e o Mausoléu ~ Congresso Terciário ~ Exumação dos ossos de Frei Rogério ~ Obras ~ Retrospecto

CAPÍTULO XII: A IGREJA E A SACRISTIA DO CONVENTO SANTO ANTÔNIO 239

A igreja ~ A sacristia

CAPÍTULO XIII: DUAS IMAGENS DE SANTO ANTÔNIO E SUAS DISTINÇÕES 258

Duas imagens históricas ~ As promoções da imagem de Santo Antônio ~ O bastão oferecido à imagem de Santo Antônio por Veiga Cabral ~ Grã-Cruz de Cristo ~ O bastão oferecido à imagem de Santo Antônio por dom João VI

CAPÍTULO XIV: OUTRAS PRECIOSIDADES HISTÓRICAS 269

A Capela dos Três Corações ~ As capelas do claustro ~ O altar do duque de Caxias
~ A imagem do *Ecce Homo* ~ Relíquias insignes ~ A representação do nascimento
e morte de São Francisco de Assis ~ As imagens de Nossa Senhora da Conceição e de
São Francisco de Assis ~ Três quadros de São Francisco de Assis ~ Os bustos de san-
tos mártires franciscanos ~ A estante do coro ~ Livros de cantochão manuscritos ~
Um mapa-múndi ~ A moringa de Frei Fabiano de Christo ~ A cadeira do venerável
Padre Anchieta ~ As jarras de Frei Solano ~ O busto de dom Pedro I ~ Os túmulos
da família imperial

CAPÍTULO XV: VULTOS NOTÁVEIS 281

Frades músicos ~ O Poeta da Virgem

Biografia de Frei Basílio Röwer, OFM 297

Glossário 303

Notas 307

Referências bibliográficas 336

Créditos 341

Ilustrações (entre as p.192 e 193)

Apresentação: Uma palavra para a quarta edição



Frei Basílio Röwer publicou a primeira edição deste livro em começos de 1937 às expensas da Província Franciscana da Imaculada Conceição, à qual está filiado o Convento Santo Antônio, que, por larguíssimos anos, foi sede da Província. Pouco depois, corrigida e acrescentada, a editora Vozes fez a segunda edição. A terceira, ainda pela Vozes, saiu em 1945. Essa terceira edição, bastante revisada, com nova bibliografia, novas notas e acréscimos no texto, há anos está esgotada. Circulam por entre estudiosos e universitários algumas centenas de fotocópias.

Ignoramos se Frei Basílio preparava uma nova edição. Esta quarta, sob o patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro no âmbito das comemorações dos 200 anos da chegada de dom João e da família real ao Rio de Janeiro, além de relançar no mercado a melhor e mais fidedigna história do convento, comemora tanto os 50 anos da morte do autor quanto os 400 anos do lançamento da pedra fundamental da Igreja e Convento Santo Antônio, no largo da Carioca.

Esta edição vem com novas fotografias, novas notas, glossário e nova bibliografia. Mas o texto é o mesmo, ortograficamente atualizado. Algumas poucas frases foram simplificadas, pois como Frei Basílio pensava a língua portuguesa como alemão, usava muitas frases relativas. Estas foram transformadas em duas ou três para aliviar a leitura, mas sem alteração de seu conteúdo.

O título de “doutor” em história pela Universidade de São Boaventura, dos Estados Unidos, lhe veio como benemerência e *honoris causa*. Pesquisou como amador inteligente, cuidadoso, persistente. Não teve estudos maiores que os oferecidos pela Ordem aos frades que desejam o sacerdócio. Sua inclinação principal não era a história, mas a música, em cujo campo foi mestre, compositor, autor e crítico. Tem 63 obras publicadas.

Como ele, alemão, veio para o Rio de Janeiro? No bojo da história. A Província Franciscana da Imaculada Conceição, próspera e canteiro de grandes nomes – como Frei Mariano Veloso, pai da botânica brasileira; Frei Francisco do Monte Alverne, o maior orador sacro nascido no Brasil; Frei Francisco Sampaio, o grande mentor de dom Pedro I e autor do “Manifesto do Fico”; Frei Antônio de Santana Galvão, o primeiro santo canonizado brasileiro –, definiu depois da iníqua Portaria de 19 de maio de 1855, que proibia noviciados nas Ordens Religiosas. Escreve Frei Basílio:

“O dia 19 de maio constituirá uma das páginas negras nos anais da política religiosa do Segundo Império.”

Ao ser proclamada a República, havia um único frade franciscano da Bahia para baixo. Vários conventos já tinham sido invadidos. O próprio Convento Santo Antônio aninhava uma centena de inquilinos, entre os quais um batalhão inteiro do Exército. Com a total separação entre Estado e Igreja decretada pela República, os franciscanos alemães se prontificaram a restaurar novamente a Ordem no Brasil. Os primeiros chegaram em 1891. Frei Basílio chegou em dezembro de 1894, ainda como seminarista e usando seu nome de batismo: Hugo.

Antes de vir para o Rio de Janeiro, exerceu o ministério sacerdotal em Curitiba (PR), Petrópolis (RJ), São Paulo (SP) e Quissamã (RJ). Chegando ao Santo Antônio, ficou encantado com as longas tradições da casa, os devotos, a biblioteca, em boa parte ainda conservada, e o arquivo. É verdade que era um arquivo muito danificado pelo tempo, pelos inquilinos, sem nenhum trato de conservação. Ele mesmo, muitas vezes, confessou ter tido momentos de desânimo e vontade de “largar” a pesquisa. A lupa lhe terá sido instrumento mais freqüente que garfo em restaurante. Durante o dia desdobrava-se, como guardião do convento, no atendimento ao povo, sempre numeroso, e na compra de mantimentos para os frades e para as dezenas de pobres tradicionalmente atendidos pelo convento. Sobravam-lhe as vigílias da noite e da madrugada, em tempos de luz fraquíssima e continuado uso de velas.

Documentos em português dos séculos XVI, XVII e XVIII eram transcritos a mão e depois passados na “máquina de escrever”. Todos nós, frades, sabemos da humildade dos frades alemães, que, tendo aprendido o português via latim, recorriam aos intelectuais brasileiros para que estes lhes corrigissem vocábulos, fraseados, regências e concordâncias. Alguns são lembrados com gratidão nas *Crônicas*, como o conde de Affonso Celso, Amélia Rodrigues, João do Rio. Talvez a profissão de alfaiate, que exerceu antes de entrar na Ordem Franciscana, o tenha ajudado na paciência, no cuidado, na costura de dados, fatos e documentos.

Afortunado o monumento nacional que é o Convento Santo Antônio, que teve um tão grande e organizado guardador de sua história!

FREI CLARÊNCIO NEOTTI, OFM
Coordenador das celebrações dos 400 anos

Prefácio



Célebre e celebrizado é o convento franciscano Santo Antônio, do Rio de Janeiro. Célebre porque as suas grossas muralhas encarnam uma tradição mais do que trissecular; celebrizado porque produziu vultos notabilíssimos que, com suas virtudes e seu profundo saber, não pouco lustre deram à religião e à pátria. O convento constitui um padrão de glória para o Brasil. É este o juízo imparcial da história, e escritores como Macedo, Moreira de Azevedo e Vieira Fazenda francamente o reconhecem.

Só isso seria suficiente para justificar o aparecimento deste livro, em que, pela primeira vez, sai a lume uma história completa do vetusto convento antoniano. Acresce, porém, que, em nossos dias, a intelectualidade brasileira torna a cultivar com mais amor as tradições gloriosas da pátria. E nisso faz bem. Os grandes feitos dos nossos antepassados, inspirados em sua fé religiosa e civismo pátrio, são lições de mestre para a geração presente, à qual cabe conduzir o Brasil ao encontro de um porvir cada vez mais próspero e progressista.

A publicação de uma história do Convento Santo Antônio é, pois, oportuna, porquanto incentiva a servir a Deus e à pátria, a exemplo dos que nos precederam.

Permitido nos seja dizer aqui algumas palavras explicativas sobre a gênese do nosso trabalho.

Quando, pela vontade dos superiores, fomos transferidos para a comunidade deste convento, julgamos inadiável o dever de nos dedicar com mais afinco ao estudo da história da nossa Província e de seus antigos conventos, à vista da facilidade que se nos deparava de pesquisar o arquivo que o convento religiosamente guarda.

É verdade que já anteriormente tínhamos dado a lume alguns trabalhos concernentes ao mesmo assunto, mas eram uma espécie de ensaio, feitos sem demorado estudo arquivai.

Apenas residente no Rio de Janeiro, refundimos e enriquecemos com valiosas notas colhidas no arquivo o nosso manuscrito sobre *Os franciscanos nos Campos dos Goitacazes* e demo-lo à publicidade em 1934. No ano seguinte publicamos a monografia sobre *O Convento de São Boaventura de Macacu*, que jaz em ruínas na Baixada Fluminense, perto de Porto das Caixas.

Surgiu-nos, então, a idéia de nos ocuparmos do próprio convento em que residíamos. Os tesouros do arquivo, já o sabíamos, eram ricos; mas abalançarmo-

nos a uma história que abrangesse mais de 300 anos parecia-nos tarefa por demais difícil.

Resolvemos, por isso, colecionar e enfeixar o folheto com fatos e tradições interessantes, com o fito principal de oferecer um mimo aos muitos devotos de Santo Antônio que freqüentam a igreja do convento.

Mas, como sói acontecer aos amantes da história, ao compulsarmos livros e documentos para nos instruir, quanto mais líamos tanto mais nos entusiasmávamos e mais e mais nos empolgava o alvitre de escrever uma verdadeira história do convento, pondo em contribuição tudo quanto fosse possível descobrir. Os confrades, por sua vez, animavam-nos nesse sentido e alguns tiveram a gentileza de, com suas luzes, nos ajudar a lançar o plano a que toda a obra devia obedecer.

Por mais de dois anos trabalhamos nas horas de lazer para concluir a obra. E confessamos que, às vezes, fomos tentados a desistir e parar a meio caminho, tão vagaroso era o progresso. Além disso, muitas vezes acontecia acharmos nova matéria que nos obrigava a refundir o que estava feito ou corrigir apreciações que pareciam certas.

Graças a Deus, foi possível pôr o ponto final neste trabalho em fins do ano passado e, desde então, dedicamo-nos por completo à sua revisão, corrigindo senões e limando frases. Confessamo-nos gratos aos amigos que, nesse particular, gentilmente quiseram contribuir para a perfeição da obra.

Não julgamos, contudo, ser a presente história a última palavra. A convicção, porém, de que tão cedo não sairá outra a lume serviu de estímulo para nos esmerarmos em dar o que estivesse a nosso alcance. *Faciant meliora potentes.*

O nosso trabalho vem instruído com farta documentação. Nesse ponto distingue-se de todas as publicações que tratam de idêntica matéria e das quais tivemos notícia. Quisemos, destarte, corroborar nossas asserções e aplinar o caminho aos que depois de nós empreenderem a história de toda a nossa Província.

Como é fácil verificar, a presente história baseia-se principalmente em documentos guardados no arquivo do convento e temos muito prazer em comunicar ao leitor que é a primeira vez que ele tão largamente se abre ao público. Além de outros autores, consultamos também os documentos, impressos ou não, que nos estiveram acessíveis. É possível que existam ainda outros que tenham importância com relação ao Convento Santo Antônio e de que não tivemos conhecimento, por isso muito agradeceríamos aos historiadores de profissão se, tendo deles notícia, nos quisessem comunicar o seu paradeiro.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1937.

345º aniversário da assinatura da escritura de doação do primeiro terreno concedido aos franciscanos do Rio de Janeiro.

FREI BASÍLIO RÖWER, OFM

Terceira edição

O fato de se tornar necessário lançar uma terceira edição da história do Convento Santo Antônio prova o apreço que as pessoas cultas têm às publicações históricas.

Nesta terceira edição, a bibliografia se apresenta com outra feição, houve ligeiras retificações e alguns acréscimos.

Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1944.

FREI BASÍLIO RÖWER, OFM

À guisa de introdução



São Francisco de Assis, o Santo Seráfico, fundou três Ordens, a saber: a dos Frades Menores, a das Senhoras Pobres (Clarissas) e a dos Irmãos da Penitência (Ordem Terceira Secular).

A Ordem Primeira divide-se hoje em três ramos: Frades Menores, vulgarmente chamados Franciscanos; Frades Menores Conventuais, ou simplesmente Conventuais, também conhecidos por Minoritas na Europa; e Frades Menores Capuchinhos ou simplesmente Capuchinhos.

A Ordem dos Frades Menores é, entre os três ramos, o mais espalhado no mundo inteiro, dividindo-se em circunscrições que se chamam Províncias. O governo delas está nas mãos de um Provincial. Para melhor governo acontece, às vezes, constituir-se certo número de casas religiosas em Custódia, cujo superior se chama Custódio e, em suas atribuições, depende geralmente do Provincial a cuja Província a Custódia pertence. No caso contrário, chama-se Custódia independente.

Depois que São Francisco de Assis esteve em Portugal, em 1213 e 1214, e depois do trabalho profícuo dos discípulos que o santo deixou lá, houve muitas vocações para a Ordem. Formaram-se, então, sucessivamente, uma, duas e três Custódias dependentes da Província de Santiago de Espanha, mas, em 1384, tornaram-se independentes e reuniram-se numa só Província, a de Portugal.

Em tempos posteriores chegou a haver três Províncias. Todas elas eram Províncias “capuchas”. Que quer dizer isso? Quando, em época anterior, a observância na Ordem deixou muito a desejar, fez-se em Portugal, como em outras partes, uma salutar reforma. E porque esses frades reformados, entre outras singularidades, traziam um capuz piramidal, o povo os alcunhou de “frades capuchos”, nome que ficou mesmo depois de 1517, ano em que o Papa uniu os Observantes todos.

De uma das três Províncias supracitadas – a de Santo Antônio, chamada Dos Currais – procediam os franciscanos encarregados de fundar conventos no Brasil.

Daí vem o motivo de se encontrar muitas vezes em documentos da época, e também posteriormente, a palavra “capucho”, que não significa outra coisa senão reformado, observante, pobre. Nesse último sentido, Frei Apolinário da Conceição empregou o termo quando afirmou que o primeiro Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro era muito capucho.

Por isso, capucho não deve ser confundido com “capuchinho”, nome próprio do terceiro ramo da Primeira Ordem, que ainda não existia quando em Portugal já havia capuchos. Infelizmente, até historiadores de fama caíram nesse erro, interpretando mal os documentos.

Os primeiros franciscanos, como é sabido, vieram para o Brasil em companhia de Cabral. Eram Frei Henrique Soares de Coimbra e companheiros. Apesar de chegarem outros nos decênios subseqüentes, eram, contudo, no dizer de Jaboatão, apenas “luzes errantes”. Em 1577, porém, o governador da Capitania de Pernambuco, Jorge Albuquerque Coelho, vendo os grandes serviços que prestava na capitania o franciscano português Frei Álvaro da Purificação, pediu por intermédio dele mais religiosos à Província dos Currais. Só o conseguiu em 1585, com a vinda de seis, aos quais em breve espaço juntaram-se muitos outros.

Tornou-se possível, desse modo, fundarem-se sucessivamente diversos conventos no Norte¹ do Brasil, e apenas sete anos depois, isto é, em 1592, foram dados os primeiros passos para o estabelecimento de um convento no Rio de Janeiro.

FREI BASÍLIO RÖWER, OFM

CAPÍTULO I



1592 a 1608

Fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ~ Os primeiros franciscanos no Rio de Janeiro ~ O primeiro sítio doado para a construção do convento ~ Escolha e doação de outro sítio ~ Os religiosos mudam de residência ~ Frei Vicente do Salvador ~ Uma ilha andante na lagoa de Santo Antônio

É hoje universalmente aceito pelos historiadores pátrios que a formosa baía do Rio de Janeiro foi descoberta, em 1º de janeiro de 1502, pela primeira esquadra que dom Manuel mandou a explorar as costas do país descoberto por Pedro Álvares Cabral.

Apesar de também outras expedições visitarem posteriormente o Rio de Janeiro, nada se fez para povoar a terra ou garantir a sua posse. Nem Martim Afonso de Souza quis saber de sua donataria, abandonou-a.¹ Foi preciso que os franceses, aliados aos tamoios, se estabelecessem, em 1555, nas ilhas e no litoral e se fortificassem no ilhéu de Serigipe (Villegaignon) sonhando com uma França Antártica para a metrópole despertar de sua inércia. Efetivamente, em fins de 1559, chegou ao porto da Bahia uma armada sob as ordens do capitão-mor Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha. Mem de Sá, terceiro governador-geral do Brasil, tratou de organizar logo a expedição ao Rio de Janeiro.

Essa expedição entrou na Guanabara em 21 de fevereiro de 1560, capturou de surpresa uma nau dos franceses e, a 15 de março, atacou o forte de Coligny (Villegaignon), que, depois de dois dias e duas noites de bombardeios e assaltos, teve de render-se. Mem de Sá não tirou o devido partido dessa vitória, nem o pôde fazer por falta de gente. Limitou-se a arrasar as fortificações e retirou-se.

Os franceses e os tamoios, que se haviam espalhado pelo litoral do recôncavo, tornaram a fortificar-se em Ibirapu-Mirim (outeiro da Glória) e Paranapuá (ilha do Governador).

Fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

À vista disso, o próprio Mem de Sá insistiu com a metrópole sobre a necessidade de expulsar definitivamente os franceses e fundar uma cidade. Com esse fim a Regência

de dona Catarina de Áustria expediu uma esquadilha sob o comando de Estácio de Sá, sobrinho do governador-geral, o qual, acompanhado por gente de São Vicente, chegou à baía de Guanabara a 1º de março de 1565, fundeando junto ao morro Cara de Cão. Naquela mesma várzea, onde hoje se acha a fortaleza de São João, lançou os alicerces da cidade que denominou de São Sebastião.

Dois anos teve de lutar Estácio de Sá, sem conseguir entrar na baía, contra franceses e tamoios, e a sua situação tornava-se cada vez mais difícil. Anchieta informou disso o tio de Estácio, Mem de Sá, na Bahia, que então alcançou de Portugal a expedição de três galeões. A estes incorporou mais dois navios guarda-costas e seis caravelões e partiu com destino ao Rio de Janeiro, onde aportou a 18 de janeiro de 1567. No dia seguinte, Mem de Sá reuniu em conselho as autoridades civis e religiosas e ficou resolvido dar imediatamente o ataque geral ao inimigo.

Foi, pois, no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, que os portugueses investiram sobre a primeira fortificação de Ibirapu-Mirim e a tomaram de assalto. Nessa refrega, Estácio de Sá foi ferido por uma flecha e morreu um mês depois.

Mem de Sá esperou mais uns dias e ordenou o ataque geral a outro reduto, na atual ilha do Governador. Também dessa vez lhe correu propícia a sorte: franceses e tamoios foram completamente destruídos.

Celebradas as exéquias do sobrinho, Mem de Sá resolveu transferir a cidade para local mais apropriado e estratégico. Escolheu o morro do Descanso, chamado posteriormente de São Januário e do Castelo, e determinou que aí se levantassem o palácio do governador, a Sé e outros edifícios públicos. A primitiva fundação passou então a ser chamada Vila Velha.

Em maio de 1568, Mem de Sá regressou à Bahia.²

Bem cedo, porém, se verificou que o sítio, para onde ele havia transferido a cidade, além do penoso acesso, era insuficiente. Por isso, decorridos alguns anos, a cidade foi-se estendendo pelas fraldas do morro, pelas praias do Ó e de Manoel de Brito (atuais rua da Misericórdia, praça 15 de Novembro e rua Primeiro de Março) e em torno de Piassaba, hoje praia de Santa Luzia. Os moradores tiveram de limitar-se a essas partes porque todo o resto, chamado naquele tempo vargem ou várzea de Nossa Senhora, por causa da Capela de Nossa Senhora do Ó, era brejo e pântano, com exceção da “ilha Seca”, para as bandas da rua hoje da Conceição.

Os primeiros franciscanos no Rio de Janeiro

Era este o estado de desenvolvimento da Sebastianópolis, quando lançou ferro na soberba Guanabara a nau que trouxe os primeiros franciscanos para estas plagas.³ Seus nomes eram Frei Antônio dos Mártires e Frei Antônio das Chagas. Vieram ambos do Espírito Santo, onde acabavam de tomar posse do morro com a ermida

e casa de Nossa Senhora da Penha, cuja doação lhes fora feita por escritura de 6 de dezembro de 1591, exarada no I volume do *Tombo*, fls.31.⁴

Coincidência interessante. Dois Antônio vêm dar os primeiros passos para, na incipiente futura capital do país, estabelecer um convento cujo orago seria o grande taumaturgo português Santo Antônio de Lisboa. Pois era esse o intuito com que vinham, cinco lustros depois da expulsão definitiva dos invasores e gentios, isto é, em 1592. Não consta o dia da sua chegada, mas foi logo no princípio do ano. Para o desempenho de sua incumbência, trouxeram o mandato do Prelado, que era Frei Melquior de Santa Catarina, primeiro Custódio dos franciscanos no Brasil. Este, por sua vez, acedeu com isso às instâncias do governador e dos oficiais da Câmara, conforme resulta da escritura que abaixo transcrevemos.

O primeiro sítio doado para a construção do convento

Como era de esperar, os dois frades foram bem-recebidos pelas autoridades, que não tardaram em conceder-lhes o sítio que achassem conveniente para a construção do convento. Os próprios religiosos, desprezando outras paragens, haviam dado preferência à Ermida de Santa Luzia, existente ao pé do morro do Castelo e abaixo do baluarte da Sé (forte de São Januário), isto é, nas imediações, não no mesmo local, da atual Igreja de Santa Luzia, que só foi construída depois de 1752.

A respectiva escritura da doação, lavrada em 28 de fevereiro de 1592, é de teor seguinte:

Salvador Corrêa de Sá, capitão e governador nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e os Oficiais da Câmara desta cidade, que este ano de 1592 servimos, etc. Fazemos saber aos que esta carta de doação para sempre virem, e o conhecimento dela por direito pertencer, que vindo a esta terra os muito Reverendos em Cristo Fr. Antônio dos Mártires, e Fr. Antônio das Chagas, seu companheiro da ordem dos frades menores do Seráfico Padre S. Francisco, Capuchos da Custódia de S. Antônio do Brasil, por mandado de seu Prelado Fr. Belquior de Santa Catarina Custódio, Comissário da dita Custódia pelo Reverendo Padre Geral para verem o sítio de Santo, que lhes havia oferecido para edificarem o seu mosteiro e não sendo conveniente para isso aceitarem outro nesta cidade, que acomodado lhes parecesse, assim para o seu recolhimento, como para se aproveitar o povo da sua doutrina, e Divinos Ofícios: e mostrando-lhes o sítio de Santo Antônio, e outras partes, que nesta cidade há, lhes pareceu suficiente lugar a ermida de Santa Luzia, cita abaixo do baluarte da Sé desta cidade, para o qual nós de consentimento do mui ilustre S. Bartolomeu Simões Pereira, administrador dela, com autoridade, que nisso outorgou, e assim dos mordomos e confrades da Confraria da dita casa, os quais juntos em casa do dito Administrador, disseram que eles eram contentes de largar a dita Confraria com todas as suas casas e bens que nela houvessem, aos ditos religiosos, vivendo eles em